

ESTUDOS DO ANTROPOCENO E DO FANTÁSTICO NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Adriano Carlos Moura¹

Raul Chatel Neto²

Resumo: Segundo o químico Paul Crutzen, vive-se atualmente na era do Antropoceno, marcada por mudanças decorrentes da ação humana sobre o meio ambiente. Neste estudo, buscar-se-á, por meio de pesquisa bibliográfica e aplicada de abordagem qualitativa, analisar obras literárias, comparando-as, para verificar as diferentes formas de ficcionalização das relações entre a humanidade e o meio ambiente, objetivando trazer reflexões sobre elas, além de propor atividades a serem desenvolvidas em aulas de literatura a fim de contribuir com o desenvolvimento de uma educação ambiental. Com esse propósito, o trabalho se ancora nos estudos do Antropoceno, na linha interdisciplinar da Ecocrítica e no conceito de fantástico todoriviano como dispositivos metodológicos de análise das obras *A maior flor do mundo* (2001) de José Saramago e *Os transparentes* (2013), de Ondjaki.

Palavras-chave: Antropoceno; Ecocrítica; Ensino de Literatura Ecológico.

ANTHROPOCENE AND FANTASTIC STUDIES IN PORTUGUESE LANGUAGE LITERATURE FOR AN ENVIRONMENTAL EDUCATION

Abstract: According to chemist Paul Crutzen, we are currently living in the Anthropocene era, marked by changes resulting from human action on the environment. In this study, we will seek, through bibliographical and applied research with a qualitative approach, to analyze literary works, comparing them, to verify the different forms of fictionalization of the relations between humanity and the environment, aiming to bring reflections on them, in addition to proposing activities to be developed in literature classes in order to contribute to the development of environmental education. For this purpose, the work is anchored in Anthropocene studies, in the interdisciplinary line of Ecocritics and in the concept of the Todorovian fantastic as methodological devices of analysis of the works *A maior flor do mundo* (2001) by José Saramago and *Os transparentes* (2013), by Angolan Ondjaki.

Keywords: Anthropocene; Ecocriticism; Ecological Literature Teaching.

¹ Professor do Instituto Federal Fluminense. E-mail: adriano.moura@iff.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1472-6964>

² Licenciando em Letras: Português e Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense Campus Centro. E-mail: raul.chatel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2986-5898>

INTRODUÇÃO

A exploração desenfreada dos recursos naturais coincide com o advento do capitalismo e da exploração colonialista pelos europeus em territórios onde aportaram a partir do século XVI. Segundo Evando Nascimento (2021), autor de *O pensamento vegetal*, fauna, flora e o mundo mineral passaram a ter como função única o enriquecimento dos que se autoproclamaram descobridores de novas terras, já habitadas por populações nativas subjugadas e submetidas ao trabalho escravo ou totalmente dizimadas. Desde então a relação da humanidade com o mundo natural tem se dado de modo predatório.

A Revolução Industrial (1760-1840) representou a mudança da produção manual para as máquinas, promoveu o surgimento de atividades de exploração dos recursos minerais, desenvolveu indústrias químicas, petrolíferas, energia elétrica, apresentando às sociedades modernas um estilo de vida marcado pela praticidade, rapidez e produção em série. No entanto, a matéria prima para o progresso continuava advinda das matas, oceanos e do subsolo. Vários desses momentos podem ser percebidos na configuração do espaço e do enredo em obras literárias escritas em língua portuguesa.

Entende-se que a Literatura enquanto área de conhecimento e as obras literárias como objetos estéticos podem contribuir para a proposição de um mundo mais sustentável, a partir de uma crítica literária que interprete narrativas em língua portuguesa como modos ficcionais de se refletir sobre a crise ambiental vivida pelo planeta. Dessa forma, surge a indagação: é possível englobar ao ensino literário o debate dessas questões?

Este artigo se concentrou na análise de duas obras literárias escritas no século XXI, período em que a atenção mundial se volta para as consequências de séculos de degradação ambiental, como as crises climáticas, poluição do ar, rios e oceanos, extinção de espécies animais e vegetais. Como aponta Veiga (2023), cientistas definem o momento atual como a era do Antropoceno, caracterizado pelos efeitos da ação humana sobre o planeta.

Dessa forma, através da pesquisa bibliográfica e aplicada, foi possível confirmar a capacidade do literário propor o levantamento de questões ambientais para o ensino de literatura, tais como debates, reflexões e atividades voltadas para uma educação ambiental na era do Antropoceno, num estudo transdisciplinar que se ancora teoricamente nos pressupostos da Ecocrítica. *O pensamento vegetal* (2021), de autoria de Evando Nascimento; *Depois do fim* (2022), organizado por Fabiane Secches e textos dos Estudos Literários, especialmente o conceito de literatura fantástica em Tzvetan Todorov (2011) serviram como aporte teórico primário. Como *corpora* para análise, foram utilizadas as obras *A maior flor do mundo* (2001) de José Saramago e *Os transparentes* de Ondjaki (2013).

Por fim, a aplicação da teoria seguiu de forma adaptada para aplicação de uma sequência didática desenvolvida em uma escola da rede municipal de Campos dos Goytacazes/RJ, em duas turmas de sétimo ano, para, por fim, analisar qualitativamente os resultados de um questionário aberto quanto à relação dos discentes com a obra *A maior flor do mundo* (2001) e o meio ambiente em seus contextos vivenciais.

O ANTROPOCENO E A ECOCRÍTICA

Peter Barry (2009) menciona em sua obra, baseando-se em Cherryll Glotfelty (co-fundadora da ASLE – Association For the Study of Literature and Environment), a conceituação da Ecocrítica, definindo-a como a produção cultural do indivíduo, explorando sua relação com o mundo exterior. É uma forma interdisciplinar e transversal de abordar, investigar a natureza para fins críticos de estudo e busca de possíveis discussões e soluções; analisa-se o sujeito e o ambiente que o cerca, afeta e também é afetado por ele. A natureza e a preocupação concernente a ela ganham um enorme vulto:

For the ecocritic, nature really exists, out there beyond ourselves, not needing to be ironised as a concept by enclosure within knowing inverted commas, but actually present as an “entity” which affect us, and which we can affect, perhaps fatally, if we mistreat it. Nature, then, isn’t reducible to a concept which we conceive as past of our cultural practice. (BARRY, 2009. p.252).

A Ecocrítica, através da interdisciplinaridade, analisa aspectos tanto culturais como literários para o estudo da situação ecológica global, atravessando e dialogando com vários campos disciplinares, atingindo, em certa fase de desenvolvimento teórico, a ideia do Antropoceno. As autoras Liebermann e Neumann (2020) usam o termo “O Antropoceno” para se referir ao momento temporal no qual a atividade humana se encontra inscrita na memória geológica e natural do mundo. Os seres humanos se tornaram o centro, assim se enxergam e interferem nos fatores naturais do planeta para moldá-lo e transformá-lo. A partir da Ecocrítica, o Antropoceno pode ser um ponto de investigação dessas mudanças, da dinâmica investigativa de como os interesses materiais afetam o globo.

Nesse esteio:

Por outro lado, ao mesmo tempo que o AWG³ redefinia o Antropoceno como conceito e hipótese com uma significação mais restrita e precisa e se apropriava, de certo modo, da sua inquirição científica dentro das balizas do seu reconhecimento geológico, ele tornou-se igualmente numa ideia que estimulou reflexões e controvérsia nos campos das Ciências Sociais e das Humanidades, nomeadamente sobre a relação entre o mundo humano e o mundo não-humano.

Por conseguinte, talvez seja preferível dizer, como o fez Helmuth Trischler, que desde essa altura o Antropoceno passou a ter uma “vida dupla”, ora científica – a do Antropoceno geológico –, ora cultural – a do Antropoceno histórico-civilizacional (MENDES, 2022, pg. 84).

Dessa forma, segundo Araújo Mendes (2022), depreende-se de que o Antropoceno é, ao mesmo tempo, um estado constante e uma margem de abertura para novos acontecimentos incalculáveis pela liberdade humana e o seu agir. Por isso, não pode ser encarado tal conceito em suas margens pré-apocalípticas como um fator não ensejador de insegurança, muito pelo contrário, a difusão transdisciplinar do seu conceito deve se estender, perpassar outros campos.

No texto da professora Aurora Bernardini, *Ecocrítica e antropoceno* (2022), ponderações são traçadas no sentido de lidar com o paradoxo humano do viver e destruir a natureza, afastando *práxis* e discurso, promovendo o chamado descolamento entre as pessoas e o meio no qual vivem. Félix Guattari (2011) já

³ Anthropocene Working Group

apontava para as mudanças tecnológicas ocorrendo no planeta, especialmente advindas das transformações técnico-científicas: sem prática sustentável para o balanceamento, os desequilíbrios se tornam normais e a vida individual e coletiva assumem como paradigma um estado de degradação progressiva.

Segundo o autor, embora as instituições governamentais entendam essa realidade, pouco ou nada fazem para reduzir suas implicações, não restando, para solucionar o problema da crise ecológica, uma revolução verdadeira no âmbito sociocultural, político, reorganizando a cadeia produtiva da produção e distribuição de bens, intimamente ligada à forma como a natureza é explorada.

Nesse esteio, Evando Nascimento (2021) acerta ao dizer que existe um suporte falso sobre a neutralidade do desenvolvimento das espécies no planeta. Há, da parte do ser humano, o “monopólio” do domínio sobre a matéria viva e o que pode ser extraído dela, ceifando, contudo, sua *anima*. Dentro desse pressuposto, nossa espécie extrai de forma abusiva os recursos naturais, sacrificando nesse processo outras espécies também. Como menciona Nascimento (2021), desde o período de colonização, o extrativismo de matéria vegetal e mineral nas Américas pode ser uma das causas do fenômeno do Antropoceno.

Evando Nascimento (2021) propõe a não supremacia de nenhuma forma de vida em relação a outra, ou seja, os “vivos” heterogêneos, homogêneos e os não “vivos” devem buscar coexistir, promovendo uma nova modulação comportamental no globo. Afinal as plantas respiram e os animais se banham no sol. O atributo da alteridade pode ser a chave para a revolução mencionada por Guattari (2011), tendo em vista que esses diferentes organismos se ligam, seja numa relação de cooperação ou predatória. Nesse sentido, no volume quatro dos *Mil platôs*, Deleuze e Guattari (2020) abordam a necessidade de ordenamento das diferenças para alcançar uma correlação das relações, não bastando encontrar semelhanças e distinções entre o homem, o animal e o vegetal. Assim, esse raciocínio se ancora no pensamento do devir dos dois autores como o desejo de vir a ser e não ser e, dentro da realidade, o desejo é o condicionante para a transformação: “[...] O devir é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio

das simbioses que se coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível” (DELEUZE & GUATARRI, 2020, p. 19).

Complementando, Garrard (2004) traz também critérios sobre o que seria a Ecocrítica ou um estudo permeado por ela, indo no caminho pelo qual a natureza não é apenas uma caracterização ou um ambiente, mas uma voz, um objeto que sofre mudança e também exerce; não se limitando a uma leitura curta e estreita do meio ambiente. Seu primeiro critério, portanto, baseia-se na presença do ambiente não humano de forma que a história da humanidade está inserida na história natural. O interesse humano não é entendido como o único legítimo a ser respeitado. Deve existir uma ética entre a ação humana e sua responsabilidade ao lidar com o meio ambiente, devendo este ser tratado como um processo vivo e não somente como um cenário em segundo plano.

Parafraseando João Ribeiro Mendes (2022), o Antropoceno carrega marcas de reconhecimento crítico do que acontece ao nosso redor, uma forma de, segundo ele, “conceito-alerta”, demonstrando a necessidade de ir de encontro às práticas nocivas já cristalizadas, buscando um bem-estar ambiental de maior qualidade. Um contraponto levantado por Veiga (2023) trata a respeito da relevância de uma ampla articulação que deveria ter sido formada em prol de uma ciência da sustentabilidade, uma existência predominantemente teórica, não sendo possível, ainda, constatar a conquista e independência dela, apenas apropriação de palavras: “[...]’sustentabilidade’ é o objeto de pesquisas aplicadas – multidisciplinares ou até transdisciplinares – mas sem teoria. [...] o termo parecer ter emergido muito mais como um valor do que como conceito central de uma nova ciência” (VEIGA, 2023, p. 63).

O FANTÁSTICO EM TODOROV

Quando voltado à literatura, o olhar ecocrítico se dá através da leitura de obras existentes observando a natureza não como um cenário, mas como algo vivo. Analisa-se a relação histórica do homem com o ambiente em que vive, utiliza e modifica através dos elementos que o texto aponta. No presente trabalho, as obras

de Ondjaki e Saramago retratam, cada uma à sua maneira, formas de se discutir problemas relacionados ao meio ambiente em narrativas fantásticas.

Respeitando os demais pontos de vista teóricos, tem-se no maravilhoso uma forma de pacto entre o leitor e a recepção da obra: ele aceita a existência de outros mundos, de criaturas míticas imaginárias (ainda que bebam da fonte do real), guerreiros lendários e outras formas fantasiosas não presentes na nossa realidade. Segundo Todorov (2011), isso não impede que uma obra pautada nessa perspectiva não apresente críticas, personagens próximos das qualidades, falhas e outros atributos cuja verossimilhança com o indivíduo da realidade estejam presentes.

Se o maravilhoso apresenta esse pacto, sua outra modalidade, doravante somente chamada de fantástico ou fantástico puro, apresenta outros traços. A relação do fantástico se conecta ao real e ao imaginado, mas opera de maneira diferente. Partindo do insólito, o fantástico opera no mundo real, num determinado contexto sócio-histórico e temporal. Ele é revelado no ato de se deparar com o que não pode ser explicado em face das leis tidas como naturais, ou seja, opera-se um fato sobrenatural no âmbito da realidade já conhecida e vivida, não se tratando de uma alegoria ou metáfora, mas sim um evento concreto.

Seguindo esse caminho, ainda dentro do pensamento teórico do autor, a hesitação anteriormente mencionada que dá vida à literatura fantástica coloca dicotomicamente oposição entre real e irreal e o que se deve fazer (se é possível fazer) frente à escolha. Inevitavelmente, surge uma espécie de ambiguidade quanto ao fantástico, e tal dicotomia acarreta dois polos: Todorov (2011) enxerga o ambíguo como uma essência necessária à literatura ao questionar o real e o irreal, alegando ser esse o centro de toda a literatura; por outro lado, causa descontentamento ao ir de encontro a metafísica da linguagem do cotidiano.

Dessa forma, o fantástico é tido pelo autor como uma provocação ao real ou coloca a linguagem, ou seja, o texto, como pertencente à realidade, tornando a literatura e a realidade objetos de insatisfação, muito embora a realidade tenha se mostrado cada vez mais mutável, permitindo novas abordagens literárias, incluindo a do presente trabalho.

O FANTÁSTICO EM ONDJAKI E SARAMAGO

Tido como um livro infanto-juvenil, *A maior flor do mundo* (2001), de autoria de José Saramago, mostra-se como uma obra apta a levantar discussões para além de seu suposto escopo, tal como ocorre em *O pequeno príncipe* (2015) de Saint-Exupéry, ao abordar questões abrangentes aos mais diversos públicos. Portanto, focar-se-á na conceituação do fantástico e nos elementos de linguagem empregados por José Saramago na execução dessa obra.

Em seus trechos iniciais, o autor faz uso da metalinguagem ao afirmar que as histórias para crianças devem ser escritas com palavras simples e, ao mesmo tempo, ele afirma não ser capaz de tal faceta, embora esteja escrevendo uma obra para o entendimento do aludido público.

O protagonista da história, um menino sem nome, salta pela janela, atravessando campos floridos e repletos de árvores, demonstrando o contato com o meio ambiente ainda não afetado pela ação humana e as emergências que acompanham o que neste estudo se conceitua como Antropoceno. Decide então se aventurar para mais fundo do bosque, acometido pela dúvida de aceitar ou não essa aventura, se deparando com mais árvores e o cheiro puro da natureza.

Em determinado momento de sua jornada, ele se depara com um local cuja vegetação se tornou mais rala e, em um pequeno monte, uma flor se encontrava morrendo, decaindo em sua frente. O personagem se imbuí do dever de salvá-la, ainda que os rios estivessem longe e, visivelmente, naquele trecho da mata não chovesse.

Aceitando a empreitada, o menino desce o monte, vai ao encontro do rio e comporta em suas mãos o máximo de água possível, restando à flor apenas três gotas. Repete o procedimento vinte vezes, satisfazendo a sede daquela flor abandonada que, ao ser alimentada, cresce vertiginosamente, tornando-se o que viria a ser a maior flor do mundo. Padecendo de cansaço, o menino dorme, preocupando os pais e as pessoas do vilarejo. Graças à flor antes imperceptível, os moradores se dirigem até o local e encontram o garoto.

Trata-se de uma história curta que reflete a preocupação recorrente de Saramago com o meio ambiente e com a questão animal refletida em algumas de suas obras, como por exemplo, *A caverna* (2000), que, através da utilização do conceito do mito da caverna de Platão, alude às mazelas do capitalismo, relacionando, dentro de um grande leque de questões, a exploração ambiental e o ser humano. Dentro do postulado teórico de Todorov, a flor é o elemento insólito que dá asas ao fantástico, além da jornada do menino que parece cruzar uma fronteira desconhecida e misteriosa, embora pertencente ao mundo real.

A flor, ao ser alimentada, atinge um tamanho monumental, sobrenatural em comparação à estatura que qualquer outra flor pode alcançar, tendo sido uma vida salva pelo garoto, enquanto elemento que também o salvou pela sua altura demarcar um ponto diferente de busca para seus pais e os aldeões. Pode-se afirmar ter havido uma relação simbiótica entre a flor e o menino.

Na obra saramagueana, não há presença do maravilhoso todoriviano. A flor funciona como um elemento insólito, um vegetal desconhecido que, quando cuidado, cresceu atingindo proporções que fogem o padrão e se constitui como uma exceção à regra da realidade do mundo normal, recaindo na conceituação do fantástico, causando estranhamento inclusive aos aldeões que nunca viram uma espécie tão grande dentro do mundo comum no qual viviam. Assim, a obra pode ser lida por uma perspectiva ecocrítica, ancorada também no fantástico, subsidiando o argumento do cuidado e relação de troca entre os seres vivos de espécies diferentes, ou seja, o menino (representando o homem) e a flor (a natureza).

Enquanto isso, na obra de Ondjak (2013), o fantástico surge a partir de signos e acontecimentos ligados à história da exploração de África, em especial Luanda, capital angolana, sua independência de Portugal e perda da identidade frente aos interesses das nações colonizadoras. *Os transparentes* é um livro sem enfoque em um só personagem. Há, contudo, um núcleo principal de habitantes de um prédio velho, em ruínas, símbolo da nação que o Estado, mesmo após revolução, não amparou.

Faz-se importante traçar tais pontos antes de abordar o Antropoceno e o insólito na ficção do angolano Ondjak, pois o caráter da história evidencia uma multiplicidade de acontecimentos e personagens, todos eles se conectando de alguma forma com a formação identitária africana, de ser angolano, de estar naquele local. Questiona-se na obra a independência alcançada ao menos em relação aos portugueses, mas o novo governo, supostamente democrático, vende-se aos países neocolonizadores como a China e Estados Unidos, por exemplo, querendo se moldar às suas imagens, em detrimento da cultura própria.

Há um governo novo visivelmente corrupto na óptica do autor, vendendo-se dentro das burocracias internas, abrindo margem para uma confusa exploração petrolífera que vai devastar as terras e a área urbana. O governo sabe dos estudos e da inviabilidade do projeto, mas assim pretende continuar, numa tentativa de adentrar no rol dos países de terceiro mundo

O contato entre o fantástico e o Antropoceno pode ser vislumbrado nesse contexto, portanto, pela forma de o romance suscitar pontos de discussão que dialogam e/ou tangenciam com a ecocrítica, colocando o homem como agente geológico responsável pelas mudanças ambientais no mundo. O insólito como a manifestação de acontecimentos vistos como algo comum, doença ou condição dentro daquele cotidiano serve de elemento fundamental para a narrativa. Dessa forma, retomando Todorov (2011), falar-se-á do personagem “CientedoGrão”. O filho de Odonato, homem que vai ficando transparente durante a narrativa, ao deixar a casa e se envolver com pequenos crimes, em uma das últimas conversas com o pai diz não voltar a pisar no apartamento “nem morto”.

Quando sua morte chega, os moradores em conjunto se reúnem, conduzem o corpo do homem notando que a cada andar o peso dele se duplica, como se tivesse vontade própria em exercer a recusa que fizera em vida. Ao chegar ao andar do pai dele, os moradores já mal suportam o peso sem titubear, posicionando o corpo sob uma mesa. Se o aumento do peso, fato transgressor das leis do mundo normal já não bastasse, seu corpo começa a pesar tanto que racha o chão do apartamento,

quebra a mesa e atravessa o piso dos apartamentos até alcançar o térreo. “CienteDoGrão” não voltaria para aquela casa, nem morto.

Outra manifestação nesse sentido é demonstrada no edifício, através de uma fonte advinda de um cano quebrado na portaria que, mesmo com a crise hídrica atingindo a cidade, não deixa de jorrar água no misterioso prédio, constituindo, para alguns, como um rito de passagem ter de se molhar naquelas águas. Essa fonte de água é a passagem para a realidade dos moradores, não os incomoda, embora cause, em primeiro momento aos visitantes, certo estranhamento.

Todavia, o ponto no qual o fantástico incide com maior pungência é a ocorrência com o personagem Odonato. Com o decorrer da história, ele passa a se tornar cada vez mais transparente, seu corpo começa a perder massa, mas não por ele deixar de comer, muito embora as tarefas do cotidiano percam ao longo da narrativa importância para ele. Os demais personagens notam e, como se fosse algo do mundo comum, alertam-no sobre cuidar daquela doença cada vez mais explícita. Sua pele se torna transparente ao ponto de ser possível ver seus órgãos, vísceras e ossos. A condição (abrigada no fantástico) surge e se agrava quando Odonato demonstra saudade de uma Luanda de outrora, desdém pelo que ela se tornou e frustração pelo que poderia ter sido.

Da metade para o fim da obra, o quadro do personagem se agrava. Exposto à luz, ele mal consegue ser visto, seu corpo não obedece às leis da gravidade, ele passa a flutuar como um balão, cabendo a tarefa da sua esposa de amarrá-lo e conduzi-lo. Não há um estranhamento dos personagens a essa situação, agem como se fosse uma lei do mundo normal. O fato de ficar transparente é tido como uma doença, um problema de caráter comum e tratável que simplesmente acometeu o personagem, sendo simples aos demais falarem para Odonato procurar um médico.

No enterro do filho, ele está amarrado ao banco. No final do romance, está amarrado à antena do topo do prédio observando Luanda em chamas. Houve uma transposição, uma metamorfose da matéria do seu corpo que escapa todas as leis científicas, mas que se apresenta ao leitor como um elemento ensejador de suspeita

ou crença sobre sua ocorrência. Essa é a potencialidade do fantástico, não há pacto num mundo com regras próprias, mas violações das regras da realidade material vivida pelos indivíduos na realidade comum.

Dentro de sua condição, Odonato observa Luanda queimar a própria história, a hipótese de um presente pós-independência que nunca aconteceu. No fim, só restam as chamas geradas por um governo corrupto em comunhão com interesses de potências imperialistas que destroem os recursos naturais a fim de enriquecimento. O personagem é, portanto, metáfora do mundo que está ruindo, desaparecendo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE *A MAIOR FLOR DO MUNDO* DE JOSÉ SARAMAGO

O aporte teórico apresentado permite a comunicação entre a obra angolana e lusitana, visto que ambas convergem para o levantamento de questões que podem ser abordadas sob a perspectiva ecocrítica. Entretanto, pela sua extensão e rápida leitura, *A maior flor do mundo* (2011) provou ser mais possível de ser trabalhada em sala de aula, especialmente entre alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental.

Dessa forma, abrem-se caminhos para o debate de diversas pautas, sendo a desigualdade e a exploração em demasia dos recursos naturais uma delas. Se estão presentes no cotidiano, poderão estar, por conseguinte, refletidas superficialmente ou não nas escolas.

Em Travessão, distrito da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, na Escola Municipal Albertina Venâncio, foi aplicada uma sequência didática, forma interacional utilizada como aporte metodológico da presente pesquisa baseada nos estudos construtivistas de Antoni Zabala (1998). Através deles, há incentivo à participação dos alunos na construção de determinado conhecimento de forma ativa, permitindo uma visão mais independente do sujeito sob o objeto.

Nesse sentido, o autor (1998) preleciona ser a sequência didática um instrumento de atividades ordenadas, articuladas em módulos para o cumprimento

de determinados objetivos educacionais, englobando tanto o ensino quanto a aprendizagem.

Assim, metodologicamente explicitando, duas turmas participaram da leitura coletiva do livro *A maior flor do mundo* (2011), ambas do sétimo ano (701 e 702), com o número de 29 discentes, em três encontros envolvendo três tempos de aula. A dinâmica foi realizada seguindo o mesmo protocolo em uma turma por vez. As carteiras foram organizadas em círculo dentro da sala de aula e foi dada liberdade de escolha para alguém começar a leitura. Na turma 702, uma aluna decidiu começar, enquanto na outra, a professora regente deu o primeiro passo.

É importante ressaltar que a leitura conjunta foi feita em contato com a professora regente e um estagiário, de modo a auxiliar também os discentes que estavam com dificuldade em ler o texto. Foi constatada nessa escola municipal, assim como em outras, graves deficiências no campo da escrita e da leitura, atrasos cognitivos influenciados também pelo quadro pandêmico recente.

A primeira etapa da sequência didática foi debater a respeito dos gêneros textuais com os alunos, abordando o romance, a fábula, os contos, microcontos e crônicas, dando ensejo aos discentes aprenderem essas diferenças e realizarem comentários oralizados a respeito delas.

O segundo momento da prática se deu através da leitura coletiva da obra. Conforme aludido, seu número de páginas permite uma leitura rápida sem perder eficácia, com abertura de espaço para os alunos fazerem intervenções e comentários. Eles foram indagados sobre o papel da natureza perto do ambiente onde vivem, até mesmo em suas casas. O objetivo foi desviar de perguntas genéricas que pudessem esvaziar o tema.

O terceiro momento da atividade consistiu em debater os elementos da obra, tendo em vista o processo da oralização ser fundamental sob a óptica do método didático escolhido e as informações colhidas foram anotadas para posterior análise. A ideia era clarificar que não se tratava de uma tarefa automatizada de busca ao texto, mas de compreensão das camadas escritas, ou seja, ir para além da superfície textual.

No final, os discentes responderam a um questionário aberto contendo as seguintes perguntas: 1) você conseguiu compreender do que se trata a história? Comente; 2) no seu bairro, existe contato com árvores ou plantas?; 3) o que acontece com o menino seria possível na vida real?; 4) o que é meio ambiente para você? Como entende sua importância?; 5) como foi ler a obra *a maior flor do mundo* (2011); 6) retornaria a ler algum livro com a temática ambiental? (comente se quiser); 7) o que o personagem principal da história representa para você?; 8) considera a escola um local adequado para o debate ambiental? (comente); e 9) como você interpreta a planta protegendo o garoto?

Por fim, um pequeno parágrafo opinativo foi solicitado a respeito da experiência e outras colocações a respeito da obra lida. Por ter pequena extensão e ser de fácil leitura, o número de perguntas não foi demasiado, entretanto, elas misturaram camadas da realidade contextual dos alunos, elementos teóricos simplificados e avaliaram a compreensão textual deles. Por exemplo, por se tratar de uma história em que há o fantástico, a pergunta número três pode ser respondida com uma simples palavra e, mesmo assim, houve alunos que quiseram se aventurar no aspecto fantástico da história, muito embora não tenham sido expostos à teoria.

Por se tratar de um trabalho de natureza qualitativa, a partir de Tozoni-Reis (2010), fenômenos sociais nem sempre são quantificáveis, convergindo o interesse mais para interpretação e compreensão do conteúdo abordado. Corroborando com esse pensamento, Minayo (2009) entende que esses mesmos fenômenos compõem uma realidade social não compatível com a quantificação, recorrendo-se, assim, à análise de conteúdo.

Partindo da forma de análise supracitada, os resultados demonstraram, no geral, interesse pela maioria da turma. Foi possível aferir que a dinâmica fora diferente das demais práticas que tiveram até aquele momento de formação. A mera reconfiguração da sala de aula causou espanto aos discentes, deixando alguns acanhados para participar, fato que, com o tempo, foi sendo superado. Foi possível constatar também que a oralização antecedendo o texto escrito facilitou o processo de escrita de muitos, especialmente os alunos da turma 702.

A aluna Iara Brito Ferreira expressou, em sua resposta à questão cinco, o fato de a atividade ter despertado nela o interesse e a curiosidade: “Foi uma boa experiência e uma atividade diferente que me deixou curiosa”. Ao responder à questão sete, ela interpretou o personagem principal como “o garoto que parece representar alguém protegendo a natureza e uma pessoa boa” e que a flor da história “acaba sendo como o ambiente salvando o menino porque os pais encontraram ele depois do crescimento da planta”. Além disso, destacou a importância da escola como um espaço de reflexão sobre as questões ambientais.

O estudante Pedro Cruz, respondendo à questão quatro, demonstrou a percepção do meio ambiente não somente como o local em que se vive: “É o local que vivemos. É importante cuidar dele porque ele nos dá o que comer”. Ao responder à questão nove, ele interpreta a planta protegendo o menino como um ato heroico e de compensação: “Ela retribuiu o ato sendo também um herói”, concluindo que a natureza, ao ser cuidada, retribui cuidando e protegendo os que dela fazem parte e dependem.

Percebeu-se certo consenso dentre os alunos em relação ao papel da escola na educação ambiental da sociedade, conforme atesta a aluna Maria Beatriz ao responder à questão oito: “Se a escola não debater esses temas acho difícil ouvir em outros lugares como em casa. É uma tarefa importante da escola.”

Embora mais precisos no conteúdo escrito, os alunos da turma 701 se mantiveram em silêncio na maior parte do tempo, sendo conduzidos tanto pelo professor regente quanto pelo estagiário, não prejudicando a experiência, mas tornando-a diferente. Os alunos dessa turma responderam com maior precisão às perguntas elaboradas, demonstrando entendimento das camadas mais profundas, típicas da escrita de Saramago; ao passo que a outra turma teve alcance menor nesse sentido, mas, conforme já mencionado, maior proveito no aspecto da oralidade.

Ao fim, com a utilização de dinâmicas novas e aproximação maior do discente e docente, foi possível criar um ambiente de ensino, uma teoria e prática que alcançasse o objetivo da conscientização ambiental, ou, ao menos, trouxesse

questionamentos, suscitando novos interesses através de perspectivas distintas das práticas já utilizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como enfoque obras literárias do século XXI de língua portuguesa, dos autores Ondjaki (Angola) e José Saramago (Portugal), refletindo, através da óptica Ecocrítica, sobre a possibilidade de a literatura colaborar com a alfabetização ambiental, na medida em que debates e reflexões podem ser suscitados através dela. Nesse ponto, a hipótese levantada se mostrou comprovada por meio da aplicação de uma sequência didática a partir do livro *A maior flor do mundo*, de José Saramago.

A obra do angolano Ondjaki, *Os transparentes* (2013), aborda as consequências da independência de Luanda e o oportunismo da exploração imperialista das grandes potências, demonstrando as diferenças entre os governantes e a população vivendo seus cotidianos em condições de vida precárias. A obra cumpre a função de demonstrar as relações de exploração do meio ambiente, em especial água e petróleo em contexto mundial e geopolítico, uma realidade da contemporaneidade que deve ser debatida no ambiente escolar.

No quesito da atividade aplicada, pela análise qualitativa dos resultados obtidos, foi possível constatar que a obra de Saramago, *A maior flor do mundo* (2011), mostrou-se apta como objeto de discussão e produção textual em duas turmas do ensino fundamental, coadunando de forma positiva com a primeira hipótese.

Por fim, levando em conta o conceito de Antropoceno, a situação de degradação ambiental e a responsabilidade do indivíduo, foi possível constatar por meio deste trabalho, formas do campo literário influir positivamente na conscientização a respeito do meio ambiente. Embora Antropoceno seja um conceito ainda em configuração em vários segmentos do meio científico, a ponto de ser até mesmo contestado, o fato de estarmos vivendo uma era em que a ação humana tem impactado de forma negativa o funcionamento do planeta é perceptível

e incontestável. Portanto os Estudos Literários, por meio da Ecocrítica, podem contribuir interdisciplinarmente com outras áreas de conhecimento, a fim de desenvolver nos sujeitos leitores uma consciência capaz de repensar nossas relações com o mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (e como faz) sequência didática?**. Revista Entrepalavras, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDINI, Aurora; SECCHES, Fabiane. Ecocrítica e antropoceno. In: Fabiene Secches. (Org.). **Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno**. 1ª ed. São Paulo: Instante, 2022, v. 1, p. 118-124.

BARRY, Peter. **Ecocriticism, in the beginning theory: an introduction to literary and cultural theory**. 3ª ed. Manchestes: Manchester UP, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria literária – Uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. S.Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARRARD, Greg. **Ecocriticism**. New York: Routledge, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2011.

LIEBERMANN, Y.; NEUMANN, B. **Archives for the anthropocene: planetary memory in contemporary global south literature. literatura interpretation theory**, 2020, pgs. 146-164.

MINAYO, Marília Cecília. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal: a literatura e as plantas**. Civilização Brasileira, 2021.

ONDJAKI. **Os transparentes**. Lisboa: Ed. Caminho, 9. ed., 2012.

RIBEIRO MENDES, João. (2022). **Antropoceno: um polissema a ser feito.** Anthropocene. Revista de estudos do Antropoceno e Ecocrítica.

SACCHES, Fabiane (Org.). **Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno.** São Paulo: Editora, 2021.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SARAMAGO, José. **A caverna.** 2. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo.** Ilustr. João Caetano. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2001.

TOZONI-REIS, Marília Freitas. **Metodologia da pesquisa.** 2. ed. Curitiba: IESDE, 2009.

VEIGA, José Eli. **O antropoceno e as humanidades.** São Paulo: Editora 34, 2023.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.